

# VOCÊ TEM UM ROSTO LINDO. NUNCA PENSOU EM FAZER DIETA?<sup>51</sup>

*Ignez Magalhães de Alencastro*

*Eliane Portes Vargas*

*Francisco Romão Ferreira*

*Cristiane Marques Seixas*

---

Talvez não exista pior privação, pior carência, que a dos perdedores na luta simbólica por reconhecimento, por acesso a uma existência socialmente reconhecida, em suma, por humanidade.

Pierre Bourdieu, *Meditações Pascalianas* (p. 114).

## **Introdução**

Com o que conhecemos na atualidade, podemos afirmar que o corpo gordo já teve lugar de destaque no mundo. Acompanhando sua história, observamos a construção e reconstrução social em torno de um ideal estético no qual o corpo mais robusto foi considerado como padrão de beleza a ser alcançado e almejado. Deste modo, era encarado como sinônimo de charme, atração sexual e poder. Já na sociedade contemporânea, testemunhamos a modificação deste ideal e, portanto, de percepção corporal, que atribui ao corpo magro um *status* de saúde, beleza, e inserção social.

Esse corpo contemporâneo se caracteriza por ser capaz de movimentar um intenso mercado consumidor, ao mesmo tempo que dita tendências de comportamentos alimentares e práticas corporais. Assim, a magreza, somente agora valorizada, foi transformada no padrão desfilado pelas *topmodels* nas passarelas dos mais destacados estilistas, contrapondo-se ao corpo gordo, valorizado no passado, mas que agora entra para o rol dos desclassificados, descontrolados e excluídos.

A mudança no padrão de beleza, associada ao critério medicamente definido de que o indivíduo obeso tem maior risco de adoecer, reforçou ainda mais a necessidade de controle sobre os corpos, sejam gordos ou magros, que

---

51 Ensaio desenvolvido no âmbito do Núcleo de Estudos sobre Cultura e Alimentação (NECTAR) e do Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em articulação com o grupo de pesquisa CORPUS - Estudos Socioculturais sobre Corpo, Gênero, Reprodução e Sexualidade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz.

se encontram em permanente vigilância. O discurso biomédico, ao valorizar os parâmetros de normalidade clínica do corpo, passou a enfatizar padrões a serem seguidos, estabelecendo protocolos, prescrições e intervenções necessárias para recuperar e resgatar um suposto estado de saúde do obeso, não considerando a possibilidade de que um indivíduo fora dos padrões estipulados possa ser saudável. Por sua vez, o corpo magro e seus extremos, que o ligam aos transtornos alimentares como anorexia e bulimia, apresentam invisibilidades no que tange à percepção de suas considerações de saúde. Um exemplo muito presente no senso comum é a surpresa que muito manifestam ao saberem ter uma pessoa magra apresentado altos níveis de colesterol mediante exames clínicos. Uma pessoa magra é *a priori* saudável.

No entanto, há consequências abrangentes neste novo imperativo dos corpos saudáveis associado à imagem de corpo ideal magro enfatizado pela mídia e que envolve um grande e rentável mercado consumidor em torno da magreza. Este processo complexo e dinâmico, que se traduz nas imagens materiais e simbólicas produzidas, imputou uma marca valorativa que alcançou outras dimensões subjetivas dos indivíduos, como a capacidade e a competência psíquica, social e moral na sociedade contemporânea. Exemplo desta dinâmica são os indivíduos com corpos fora do padrão aceitável de peso x altura, que começaram a ser não somente desqualificados e isolados, mas também julgados e condenados moralmente como incapazes de autocontrole e sem limites com seus desejos e demandas resultando em estigma e isolamento. O isolamento social provocado pelo estigma da obesidade e o ideal de pertencer a um grupo considerado “normal”, magro e aceito tem como consequência uma busca desenfreada por tratamentos, medicações, procedimentos cirúrgicos ou soluções milagrosas que visa sobretudo tornar o indivíduo parte integrante de um grupo do qual participam pessoas consideradas normais e mostrar valores atribuídos “gratuitamente” aos corpos magros.

Essa marca imputada, seus elementos estigmatizantes e seus correlatos, como o preconceito, estereótipo e discriminação de qualquer natureza, têm como consequência uma série de desdobramentos na vida do indivíduo que o recebe, repercutindo na sua vida social, econômica e emocional. Essas consequências são muitas vezes devastadoras.

Para Goffman (1988), o indivíduo estigmatizado passa a ser uma pessoa desacreditada que sofre uma série de restrições no cotidiano, o que nos diz muito sobre sua aceitação social. Sendo “desacreditável”, há uma série de atitudes cotidianas reveladas nas interações com as quais se depara, resultando na manipulação da informação sobre sua pessoa. Embora tais elementos indicativos do estigma tenham significados distintos nos diferentes contextos sociais onde são produzidos, esses atuam de forma conjunta na sustentação

do estigma. Eles contribuem para o encaixe do estigmatizado em um tipo de modelo, que opera uma relação de dominação e subjugação, mas também de disposição interiorizada de valores pelos sujeitos que dela participam (BOURDIEU, 1998), visando atender a um mercado econômico de acordo com determinado modelo social.

O estigma, como um processo que é parte da construção de determinadas identidades, como se pretende discutir aqui, está presente em diversas áreas, e o cinema é capaz de sinalizar sua ocorrência, como demonstrou Soares (2009), ao analisar os estigmas sociais em discursos audiovisuais. A autora relaciona diversos estigmas imputados pela mídia, e uma delas diz respeito à questão dos nomes e apelidos dos jogadores de futebol. No cinema, ela elenca diversos filmes que possuem marcas que funcionam como estigma, como *Batman* (1992), *O planeta dos macacos* (2001), *Veludo azul* (1986), *História real* (1999) e *Cidade dos sonhos* (2001), dentre outros que relaciona em seu trabalho. Destaca, ainda, uma série de programas jornalísticos televisivos enfatizando a utilização do estigma como uma fórmula para aumentar a audiência. Soares (2009) questiona então o que nos faz ser capturados por esses programas. E responde:

O que há em comum nesses exemplos é que os estigmas, de certa maneira, apontam para uma estrutura subjacente a todas as sociedades humanas – a de incluir e excluir por meio do estabelecimento de semelhanças e diferenças – e também para um dos nossos maiores desafios enquanto coletividade: saber lidar melhor com nossas singularidades e incompletudes, com nossas lacunas e ausências (SOARES, 2009, p. 8).

A obesidade pode ser abordada em diferentes perspectivas, sendo o estigma uma das análises possíveis. Tema relevante e caro para o campo da Nutrição e Alimentação, a obesidade, uma categoria definida pela perspectiva biomédica, está relacionada a seus diversos campos do conhecimento e especialidades como a Saúde Pública, Coletiva, a Clínica, a Pediatria, a Tecnologia de Alimentos, a Técnica Dietética. Discutir as questões sobre a obesidade envolve descortinar, além da denominação em si, os aspectos que ela recobre no que tange aos saberes que a constituem – como a Epidemiologia, a Clínica no âmbito da Nutrição e áreas afins – uma série de elementos fundamentais para se compreender os aspectos sociais, culturais e simbólicos. Trata-se, sobretudo, de abordá-la como um fenômeno correlacionado aos diversos valores implicados neste assunto complexo como, por exemplo, o conflito de interesses da indústria farmacêutica, da indústria de alimentos, a prescrição e indicação de tratamento, o desejo, a felicidade, a autonomia e o valor da vida.

É nesta perspectiva que lançamos o olhar para o filme *Paraíso – quanto pesa o amor* (2013) e nos deparamos com o sentimento relatado por Metz

(1968), de estarmos assistindo a um espetáculo quase real, que conquista uma espécie de credibilidade, o que nos permite pensar que a reprodução do discurso exclusivamente forjado pela racionalidade científica é insuficiente para dar conta deste assunto tão complexo; assim, alguns valores devem ser postos na mesa.

A história de Carmem, personagem principal do filme, nos brinda com a delicada vivência da obesidade, do estigma, do desejo, do reconhecimento de si e do outro; os conflitos envolvidos nesse processo, suas escolhas, bem como seus reflexos na construção de sua identidade. Nosso interesse neste filme está em poder destacar alguns elementos que retratam cenas de vida tão comuns e naturalizadas na atualidade que poderiam passar despercebidas se olharmos o filme pela lente do puro entretenimento. No entanto, propomos realizar uma leitura crítica de algumas cenas que nos permitem questionar os ideais contemporâneos de corpo e seus efeitos estigmatizantes.

## **Carmem ou, carinhosamente, Gorda**

Essa é a história de um casal, mas é Carmem, interpretada por Daniela Rincón, que conduz a narrativa. Essa jovem mexicana vive feliz com seu marido Alfredo (Andrés Almeida) em um município perto da Cidade do México. Ambos se conheceram na escola, namoram desde a infância e se chamam carinhosamente de gordo e gorda. Essa tranquila felicidade muda quando Alfredo recebe uma proposta de trabalho que permite uma boa progressão e ascensão profissional, mas para que isso aconteça, eles precisam morar na capital. Insegura, Carmem acaba por aceitar a mudança, pois a perspectiva de melhoria profissional para o marido e econômica para eles a convence. Entretanto, esse período não é nada fácil para ela, que, imbuída em consolidar sua relação com marido, precisa abrir mão de seu trabalho em um negócio próprio da sua família, de seu cachorro, da árvore que havia plantado em um parque e se afastar de suas relações pessoais.

Acrescido a isto, um sentimento de inadequação diante desta nova fase da vida começa quando, ao chegar à cidade e ver o apartamento onde iriam morar, Carmem percebe que não é como ela imaginava. Quando os móveis chegam, a geladeira bem espaçosa do casal gordinho não entra no imóvel e eles têm que despachá-la para a casa dos pais de Carmem. Dispostos a passar por todas as adversidades e continuar juntos, o casal procura encarar com leveza e graça os acontecimentos. Entretanto, essa sensação de inadequação fica mais profunda e evidente quando são convidados para participar de uma festa de aniversário da empresa onde Alfredo trabalha.

## Viu aqueles gordos?

Ao chegarem à festa, Alfredo é logo puxado para conversas profissionais, enquanto Carmem permanece sozinha. Ela decide ir ao banheiro e escuta a conversa de duas mulheres, colegas de trabalho de seu marido, referindo-se ao peso corporal dos dois. Carmem então se mantém escondida dentro do banheiro enquanto as duas corrigem a maquiagem no espelho. Esse diálogo (cena 00:17:55) marca todo o desenrolar da história e reflete aspectos importantes sobre a imagem e a obesidade:

- Viu aqueles gordos? Saíram de uma exposição de Botero.
- Arte ambulante. É o cara novo de sistemas.
- O Toño me disse que apostou com o cara do RH que ele não caberia em nenhuma cadeira.
- E aí?
- É claro que não coube.
- Me mato de rir.
- E como será que eles transam?
- Sei lá! Que horror!
- Horror é ela, com minissaia de Miss Piggy.
- Será que ela não tem vergonha?
- Acho que não.
- Cara de pau, não é?
- Pois é. (Risos).

Carmem, que escutava atrás da porta do banheiro, entristecida, aguarda que elas saiam para então retornar para a festa. Esse diálogo reforça a ideia comum de que o corpo com mais compleição é passível de escárnio, de não pertencimento, sendo expressivo de seu caráter excludente.

Algumas perguntas norteiam o olhar para estas cenas: como um acontecimento aparentemente fortuito pode ser revelador do estigma como uma dimensão de análise do corpo relacionado à obesidade? Como podemos vislumbrar, em meio às cenas dos personagens, as consequências nefastas desta modalidade de estigma tão comum e naturalizada no cenário cotidiano de nossa sociedade?

O estigma foi um termo criado pelos gregos para indicar sinais corporais que evidenciavam algo de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de um indivíduo. Como marca física, é um sinal como cortes ou queimaduras que indicavam um escravo ou criminoso, e assim essa pessoa deveria ser evitada. O termo representa, ainda, duas perspectivas relacionadas à sua percepção imediata da marca ou cicatriz do estigmatizado. Quando ela é evidente e imediatamente conhecida, o indivíduo que a carrega é categorizado como desacreditado e, caso não seja perceptível, ele será desacreditável (GOFFMAN, 1988).

Neste sentido, o obeso possui uma marca que o caracteriza imediatamente, com aspectos negativos da capacidade, eficácia, eficiência, poder e sedução. A construção de um modelo corporal ideal pelas sociedades transformou a hierarquia de valores diante da forma física. Valores estéticos sobrepujaram tanto os valores sensíveis como a felicidade, assim como valores morais de justiça, liberdade, honestidade e solidariedade.

Goffman (1988) descreve ainda que, embora existam três tipos de estigma considerados diferentes, como as deformidades físicas, as culpas de caráter e os de raça e religião, eles carregam as mesmas características sociológicas: um indivíduo que possui uma marca que chama a atenção, e o afasta, exclui-se de relações sociais e destrói qualquer possibilidade de observar todos seus atributos. Diante das evidências de que um atributo o torna diferente dos outros ou fora dos padrões estipulados, esse indivíduo deixa de ser desejável e sua inclusão é inviabilizada. Desta forma, o estigmatizado deixa de ser considerado como uma pessoa normal, comum, e é um ser indesejável e estragado. A necessidade da sociedade de categorizar as pessoas com relação a seus atributos e agrupá-las em seus ambientes sociais estabelece então qual identidade social inclui, não somente atributos morais, mas também ocupacionais.

Outro aspecto que Goffman (1988) sinaliza é que, embora o termo “estigma” seja utilizado como um atributo depreciativo, ele está relacionado a uma linguagem de relações, e não de atributos *per si*. Assim, um atributo que estigmatiza alguém pode somente confirmar e garantir a normalidade de outrem. Desta forma, os considerados normais respondem aos estigmatizados como uma pessoa diferente, com discriminações, com argumentos que sustentam e explicam sua inferioridade. É neste aspecto que a marca não se desfaz quando unidos em grupo pelos mesmos atributos; ela apenas se torna menos dolorosa, pois não há a figura do normal ditando as inconformidades.

Sob essa perspectiva, embora o estigma da obesidade não se desfaça, é fundamental perceber que outras estratégias de enfrentamento podem ressignificar seu posicionamento e seu espaço no mundo, para possibilitar ir muito além das marcas que lhe atribuíram. O estudo realizado por Mattos e Luz em 2009 demonstra essa importância. A pesquisa foi realizada para compreender os sentidos e significados que alunos obesos atribuem às práticas corporais de saúde proporcionadas pelo Projeto de Exercício Físico Adaptado para Obesos (PEFAO), realizado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e permitiu perceber que outras estratégias de enfrentamento podem fortalecer o indivíduo a produzir novos sentidos sobre sua vida. Partilhar dos mesmos problemas pode resultar em efeitos positivos, na medida em que os pares podem vivenciar experiências construtoras de valores coletivos e cordiais,

fortalecer a autoestima, perceber que pode existir um corpo saudável que não esteja dentro do padrão corporal estipulado como normalidade.

A abordagem em grupo, no entanto, pode não se adequar a algumas pessoas e não está livre de imputar um estigma. Alguns grupos podem reforçar a ideia de inadequação perpetuando aspectos atribuídos ao indivíduo obeso, como a preguiça, o descontrole, a incapacidade e a incompetência em executar e conseguir resultados a partir das orientações por eles prescritas. Esse fato iremos observar mais adiante, quando Carmem, nossa personagem principal, se associa ao *Los Especialistas*.

### **Nunca pensou em fazer dieta?**

O diálogo no banheiro machuca muito Carmem, abala sua autoconfiança, uma vez que afirma para ela que as duas mulheres magras, com seus vestidos longos, maquiadas e cabelos bem escovados são o modelo e a imagem ideais de adequação e pertencimento ao meio social. Se antes, quando vivia com Alfredo no interior, Carmem podia viver sua vida plenamente sem sucumbir aos imperativos da beleza magra, esse acontecimento impõe para ela de modo radical que a imagem que aquelas mulheres representam é um padrão a ser seguido e alcançado.

Aborrecida com os comentários que escutou na festa, Carmem sai para dar uma volta em um shopping próximo a sua casa e encontra em uma das lojas um grupo para o controle de peso e emagrecimento. No momento em que Carmem observa e analisa o grupo, ela escuta uma mulher lhe falando: “Como você é linda! Nunca pensou em fazer dieta? Estamos com uma promoção. A primeira sessão é grátis” (cena 00:21:08). Fragilizada, Carmem aceita participar e decide iniciar a dieta proposta pelo grupo *Los Especialistas*.

O grupo no qual Carmem ingressa tem como objetivo fazer com que os participantes percam peso com o apoio de sessões semanais de palestras motivacionais, além do controle do peso através da pesagem, prescrição de uma dieta controlada e dicas de consumo alimentar de preparações culinárias de baixo valor calórico. Nessas reuniões, o apoio emocional, a motivação e o incentivo a uma certa competição fazem parte do protocolo, não deixando de lado técnicas correntes da nutrição, como o incentivo ao autocontrole e automonitoramento. O lema do grupo “O excesso de peso: mande embora!” é repetido toda sessão pelo coordenador do grupo e em coro pelos participantes.

O grupo retratado no filme se assemelha aos Vigilantes do Peso, cuja história data do início dos anos 1960, em Nova Iorque, Estados Unidos. Jean Nidetch reunia, em sua casa, mulheres interessadas em perder peso, a baixo custo, com ajuda de reforço comportamental e dieta equilibrada, fundando

então os *Weight Watchers* (Vigilantes do Peso). Essa fórmula se replicou em diversos países, gerando também novas versões e formatos semelhantes. Com uma inserção mundial, os Vigilantes do Peso atingem muitas pessoas, em sua maioria mulheres que buscam, nas reuniões e orientações, apoio emocional, motivação mútua e conforto para contornar a compulsão alimentar e os hábitos sedentários, com inúmeras histórias de sucesso no processo de emagrecimento.

O estímulo para realizar a dieta no grupo *Los Especialistas*, assim como em diversos grupos voltados para a perda de peso, fundamenta-se na competição e no reconhecimento de quem conseguiu perder mais peso. Essa competição é tão intensa que está também na conquista de uma posição melhor e de maiores resultados diante de outras filiais do próprio grupo. Entretanto, Magalhães (2008) ressalta que este modelo de tratamento, fundamentado na terapia comportamental, reforça a normalidade do corpo magro como padrão de saúde física e mental, e seu modelo competitivo reproduz o que a moderna sociedade de consumo determina como cultura hegemônica que, segundo Foucault (1987), corresponde a um adestramento mental.

Essa simples pergunta – “Nunca pensou em fazer dieta?” – carrega consigo alguns valores importantes e reafirma o estigma da obesidade. A despeito deste contexto da cena onde há uma relação comercial, pois Carmen estava observando o grupo em um shopping, é muito comum este tipo de pergunta ao obeso, seja na forma verbal ou silenciosa, no olhar. Esse questionamento pressupõe que o indivíduo possui uma inadequação corporal e necessita entrar para um padrão, ignorando a liberdade, na forma de autodeterminação, do indivíduo ser/estar como lhe convier. Outro aspecto diz respeito a uma indignação em questionar como uma pessoa obesa pode ser feliz. Talvez alegre e cômico, sim, como alguns artistas, ou a caricatura do gordo que conta piadas no grupo de amigos.

Ainda sobre essa pergunta, ela marca uma obrigatoriedade do tratamento para emagrecer, principalmente a dieta. Se todo mundo está sempre de dieta, até mesmo aquele considerado magro, como um obeso não está de dieta? E ao pressupor que aquele indivíduo nunca pensou em fazer dieta e que realmente necessita modificar seus hábitos alimentares e seu estilo de vida, muitos palpiteiros se acham no direito de invadir a privacidade e se imbuir de autoridade para indicar tratamentos, terapias, medicamentos ou mesmo prescrever dietas e exercício físico.

Vale ressaltar que o recurso às técnicas comportamentais e motivacionais como estratégia de tratamento vem ganhando cada vez mais espaço na área da saúde. Sua utilização por médicos e nutricionistas vem sendo motivada pelos impasses na mudança dos hábitos, inaugurando campos clínicos como a Nutrição Comportamental e o *Coaching* Nutricional. A mudança comportamental



constitui um dos principais entraves no tratamento, sendo muitas vezes associada à responsabilidade individual e a uma racionalização que pareceria estar ausente nas pessoas que “optam” por manter hábitos não saudáveis. Nesse sentido, a própria ideia de hábito e de comportamento alimentar se sustenta numa lógica simplificadora que desconsidera toda complexidade do fenômeno alimentar.

A esse respeito, Klotz-Silva et al. (2016) argumentam que o behaviorismo, teoria clássica do comportamento criada por Watson e levada ao extremo por Skinner, é a base filosófica de muitas das atuais intervenções realizadas por profissionais, tanto do campo da Psicologia quanto da Nutrição. É também utilizado em modelos de grupos de apoio ao emagrecimento, fato que pode ser notado na representação cinematográfica da clínica *Los Especialistas*. A premissa básica desse modelo comportamental é de que os comportamentos podem ser previstos e, portanto, controlados. Essa perspectiva está relacionada a uma tentativa de contestar os métodos subjetivos da Psicologia, que, no século XIX, constituíam as principais ferramentas da pesquisa científica. Na visão das autoras, essa concepção de comportamento evidencia seu aspecto reducionista e dessubjetivado, que exclui as dimensões psicossociais do fenômeno humano.

Capturada pela proposta de um tratamento fácil e garantido, Carmem compra o *kit* inicial para começar a frequentar as reuniões e está decidida a emagrecer.

## **Eu não sei por que você quer fazer dieta**

Carmem chega a casa e começa a ler o livro de dieta que vem no *kit* junto com uma balança para pesar os alimentos. Neste momento, Alfredo chega e questiona o que ela está vendo. Sem graça, ela não quer mostrar ao marido. Mas Alfredo insiste e pega o livro. Espantado pergunta: você vai fazer dieta? E Carmem responde: só um pouquinho. Com o passar dos encontros, Carmem emagreceu muito pouco e por isso o orientador do grupo *Los Especialistas* aconselha que a família seja mobilizada, que todos participem deste processo. Então Carmem decide pedir que Alfredo faça a dieta também. Aborrecido, Alfredo fala (cena 00:24:21) que já fizeram a dieta do abacaxi, da lua, dos carboidratos, dos biscoitos e Carmem responde que essa é pra valer. O marido, inconformado, diz que não sabe por que ela quer fazer dieta, indicando que gosta dela da forma como ela é.

Diante da decisão da mulher e no intuito de apoiá-la, Alfredo decide fazer a dieta, assim como inicia também uma atividade física. Incentivado, leva Carmem para a academia e ela, muito deslocada, prefere fazer ioga. Alfredo passa a frequentar as reuniões do grupo *Los Especialistas*, onde seu

emagrecimento é elogiado, o que o faz se tornar referência e citação durante as reuniões. Carmem, por outro lado, não parece muito motivada e se vê, em várias situações, diante das dificuldades relacionadas a seguir um tratamento marcado pelo esforço e pelas privações.

Um dia, ao ir à academia, Carmem descobre um curso de culinária e se matricula. Decide que, ao invés de ir para academia fazer exercício, ela irá para o grupo de culinária onde se sente muito bem e realizada. Não comunica isso ao marido, fingindo que ainda permanece na academia. Aos poucos, cresce um distanciamento entre o casal e se acentua a insatisfação de Carmem, que encontra no curso de culinária a permissão para manter uma relação prazerosa com a comida. Ali não há proibições e o prazer de cozinhar e posteriormente experimentar as preparações traz de volta um pouco de alegria que se perdeu com a mudança do casal para a capital.

Como os dois vão juntos à reunião do *Los Especialistas*, Carmem precisa manter a impressão de que está empenhada na dieta. Fica evidente que com o engajamento do marido, ela não poderia desistir. Deveria, sim, seguir seu exemplo e alcançar o sonhado, e agora desejado corpo magro. Um dia, ao chegar mais cedo para a reunião, observa que a secretária do grupo, responsável também pela pesagem semanal dos participantes, adora tortas. Diante dessa constatação, Carmem pactua com a secretária que faria e levaria tortas para ela desde que, no momento da pesagem, ela registrasse um peso menor do que realmente ela estava apresentando.

Qual seria o desejo de Carmem? Podemos dizer que o desejo e a vontade estão modulados pelo olhar do outro e da sociedade? O que motiva um indivíduo a fazer dieta para emagrecer? Vergonha, inadequação, tristeza, menosprezo, inferioridade, incapacidade? Parece inadmissível que um obeso não esteja de dieta. Carmem, como grande parte dos adultos obesos, já tentou inúmeras dietas e as mais loucas propostas de emagrecimento. Os dilemas vividos por Carmem expõem a inconsistência da ênfase colocada na falta de força de vontade, pois não podemos dizer que Carmem, como grande parte das mulheres obesas, não deseja emagrecer, mas esse desejo está amarrado e imposto pela exigência cultural e pelas mudanças vividas pelo casal. Assim, o questionamento sobre o comer e suas diferentes manifestações não deve estar alocado em um único espaço ou explicado por uma única razão.

## **Nem precisa fazer dieta**

A frustração diante da ineficácia das mais diversas dietas e a urgência em responder às exigências sociais que o emagrecimento impõe fazem com que muitos obesos procurem resultados mais imediatos, como fórmulas que alteram

o metabolismo, controlam a ansiedade, modificam as respostas hormonais – enfim, modificam temporariamente o organismo na busca do tão sonhado corpo magro. A biotecnologia está a postos para oferecer e proporcionar tais benefícios. Assim, diante da dificuldade e desânimo em seguir aquela dieta, Carmem aceita, como sugestão de um conhecido, ir a um médico e fazer um tratamento medicamentoso. Justifica, de forma enfática, que se trata de um tratamento tranquilo e sem riscos, pois seriam somente “comprimidos de fibras” Carmem é convencida a aderir e consumir tais cápsulas. Mas o que deveria ser fibra na verdade são anfetaminas, que deixam Carmem hiperativa, taquicárdica e elétrica, o que causa extremo desconforto (cena 00:38:37).

Resultados rápidos, respostas imediatas, um mundo digital e conectado que permite saber as dietas mais eficazes utilizadas pelas atrizes com corpos esculturais, o suplemento mais completo que promete aumentar o metabolismo e secar a gordura, as novas técnicas estéticas e cirúrgicas. Propostas que atendem a necessidade de mercado, do consumo, e reforçam a importância de não ser um estigmatizado. Sob esse olhar, Seixas e Kraemer (2014) enfatizam que a obesidade assumiu um aspecto eminentemente orgânico a partir de protocolos, diretrizes e guias que, com o discurso do modelo hegemônico da saúde sob o binômio saúde-doença, produziu uma conduta prescritiva e normativa, vislumbrando um ideal do corpo magro. Entretanto, essa expectativa muitas vezes é frustrada, pois a falta de adesão e de motivação do indivíduo a essas dietas indica que esse formato focado em técnicas biomédicas não é suficiente para alcançar o objetivo, mas suficiente para idealizá-lo.

Os pacientes iniciam ciclos peregrinatórios em busca da fórmula mágica que ao final os livrará do estorvo da gordura, ao mesmo tempo que passam a atribuir o fracasso exclusivamente à própria incapacidade de seguir a dieta à risca, fomentando ainda mais o sofrimento suscitado pelo excesso de peso. Neste sentido, a prática dietética vem se disseminando cada vez mais no dia a dia da população mundial e condutas emagrecedoras incrustadas em nosso cotidiano dissimulam o controle permanente que se inscreveu no quadro recente da reconquista do corpo: este se tornou um bem a ser conservado, um patrimônio a ser valorizado (SEIXAS; KRAEMER, 2014, p. 35).

O fato de não conseguir resultados adequados com as dietas prescritas proporciona um sentimento de frustração e fracasso, perpetuando a sensação de incapacidade e incompetência que se estende para outras áreas da vida.

Procurando se adequar às categorias sociais ditas normais, o obeso busca um corpo ideal que, aos olhos do outro, carregue uma série de valores caracterizados como acreditáveis e termina por se submeter a inúmeras dietas.

A frustração pela ineficácia da dieta induz a procurar outros tratamentos, terapias com soluções mais eficazes e/ou mais imediatas ou procedimentos cirúrgicos. Um desses procedimentos, a cirurgia bariátrica, indicado para casos de obesidade mórbida, geralmente associada a estados compulsivos, apresenta alguns riscos importantes, como o desenvolvimento de outras compulsões, a depressão e o suicídio.

Outro aspecto relacionado à obesidade refere-se aos conceitos de dano, perigo e risco. Embora o filme aqui analisado não destaque especificamente a associação da obesidade ao risco de aparecimento de doenças e a constituição de danos à saúde, ele pressupõe uma ameaça certa ou um prejuízo que seguramente acontecerá. Assim, no processo saúde-doença, a responsabilização sobre o risco de adoecer muitas vezes é transferida para o indivíduo obeso que não teve força de vontade de se manter em um programa de perda de peso sabendo que a obesidade poderá desencadear o risco de doenças crônico-degenerativas.

Sob a perspectiva da biopolítica e de risco Castiel, Ferreira e Moraes (2014) analisam as propostas de autocuidado na promoção de saúde alimentar que objetivam utilizar a fórmula do autocontrole para redução de peso e percorrer o caminho da alimentação saudável. Eles destacam como uma questão central a relação com que o modelo econômico atual, o capitalismo globalizado neoliberal, enfatiza a liberdade de escolha, a autonomia e autodeterminação, como forma de inferir uma responsabilização social para o indivíduo. Assim, capazes de eleger o estilo alimentar mais adequado à sua necessidade, vontade e prazer, os indivíduos conscientes atuariam de forma autônoma e responsável diante de inúmeras ofertas do mercado. É neste processo de responsabilização, a partir da falsa autonomia que o sistema do mercado induz ao consumo e imputa o fracasso frente à alimentação, que ocorre a domesticação dos corpos diante de tantas ofertas prazerosas da vida moderna.

Nessa mesma linha que analisa a construção biopolítica sobre os corpos, Lefèvre e Lefèvre (2009) refletiram sobre a quem pertence nosso corpo e nossa mente neste mundo pós-moderno, retratando o conflito entre o homem, a ciência/tecnologia e o Mercado. Os princípios organizadores das sociedades contemporâneas, como a ciência/tecnologia e o consumo, estão relacionados ao princípio *winner x loser*, aspectos se relacionam com a questão corporal, o que se aplica diretamente à questão da obesidade. Princípios norteadores da promoção de determinados padrões de conduta e consumo estão de acordo com a racionalidade científica e econômica, ambos adequados ao mercado com suas necessidades conjunturais que estipulam e modelam forma, desejos, valores e condutas, o que cria, como num jogo, uma série de ganhadores e perdedores.

Palavra muito usada cultura norte-americana, *loser* (perdedor) muitas vezes é sinalizado com os dedos das mãos, o indicador e polegar, para indicar

um perdedor. O princípio *winner x loser* é a ideia do indivíduo mais apto, mais capaz de vencer o jogo. Ganhar e perder permanecem então na competição. É interessante observar que ocorre como uma maratona/competição/jogo, que o obeso precisa enfrentar, mas há uma questão semântica muito significativa, pois é na inversão do significado que se tem um ganhador. Aquele que perde peso é um ganhador e o que ganha peso, um perdedor.

## Esses alimentos são de Satã

Neste trabalho, focamos o funcionamento do grupo *Los Especialistas* com o intuito de destacar os efeitos nefastos de certas propostas de tratamento naturalizadas na atualidade. Assim, observamos um aspecto importante muito comum no campo da Alimentação e Nutrição, a saber, a demonização de alimentos. A afirmação permanente de que certos alimentos poderiam aumentar o peso ou serem calóricos é retratada no filme pelo coordenador do grupo: uma pessoa magérrima e estressada, que determina os alimentos que pertencem a Satã, proibidos e que não devem ser consumidos nem comprados de forma alguma, pois eles engordam. Corriqueiramente, alguns alimentos entram na lista dos demonizados e são amplamente divulgados pela mídia e redes sociais, ganhando destaque, como já foi o caso da manteiga, da margarina, da farinha, dos ovos e do leite.

Sátiras à parte, como a realizada por um programa de humor brasileiro que gerou um bordão “este alimento pode” ou “aquele alimento não pode”, a questão de quais alimentos devem ser excluídos na busca pelo corpo magro está relacionada não só ao conteúdo nutricional desses alimentos, mas também às relações de consumo que envolvem inúmeros interesses. Ou seja, o fato de que um alimento seja demonizado é determinado também por elementos de uma cultura e uma economia globalizadas, que ora favorecem e impulsionam a venda e consumo de certos alimentos, ora de outros. Esse é um aspecto controverso, delicado e importante, principalmente na área da saúde, pois envolve não só conhecimentos e técnicas, mas dispositivos que implicam conflitos nas relações de poder entre profissionais, pesquisadores, indústria e mercado. Estas relações podem resultar em conflito de interesses muitas vezes naturalizada, já que estamos falando de alimentos, e indicar um alimento ou outro está na cultura, na família, no popular.

O termo “conflito de interesses” constitui um dos tópicos polêmicos da ética. Expressão registrada na língua inglesa desde 1971, é utilizada na ética das profissões, dos negócios, na ética pública e especialmente na ética em pesquisa, com o estatuto dos direitos humanos e a proteção do sujeito de pesquisa (SCHRAMM, 2015). Seu significado pode indicar que há um conflito entre dever público e interesse privado, a partir uma contradição de atitudes, propostas e princípios. No que

diz respeito ao conflito de interesses, não estamos falando somente de alimentos que engordam ou emagrecem; outros itens estão envolvidos neste tema. Do natural, orgânico ao geneticamente modificado, de produtos alimentícios industrializados aos produtos nutracêuticos, de descobertas científicas de substâncias específicas contidas em determinado alimento, a percepção do conflito de interesse é bem mais ampla e envolve o poder da indústria e da mídia na determinação das condutas profissionais, dos indivíduos e coletividades.

Quanto aos discursos dos profissionais de saúde sobre a relação entre peso corporal, inserção social estigmatizada e processo saúde-doença, é comum nos deparamos com o argumento de que se trata somente de relacionar quantitativamente a obesidade com o adoecimento e com os prejuízos físicos e financeiros já estabelecidos pelas organizações de saúde. Entretanto, novamente encontramos o estigma no argumento de que todo obeso é por natureza um enfermo ou se tornará um. Obviamente, não se trata de desconsiderar a relação estabelecida com o risco de aparecimento de doenças crônicas oriundas da obesidade, mas sim refletir a respeito do argumento de que todo obeso é ou ficará doente, o que toma a probabilidade de determinado risco como certeza de sua ocorrência.

A reflexão sobre a abordagem terapêutica da obesidade realizada por Francisco e Diez-Garcia (2015) retrata a relevância de abordar o estigma na formação de profissionais de saúde. Estes, durante a formação acadêmica, adquirem valores baseados na racionalidade científica que produz um raciocínio caracterizado por medidas, classificações, padrões fisiológicos e bioquímicos que possibilitam classificar os indivíduos, inviabilizando a percepção de outras dimensões.

E essa racionalidade científica aliada da sociedade de consumo nos leva a refletir a respeito da perpetuação de um discurso que obedece à lógica sanitária de terapêutica e tratamento da obesidade, do posicionamento dos profissionais de saúde frente a conceito, definições e categorizações que indicam caminhos e condutas que excluem e que só reforçam o estigma da obesidade, escondendo diversos conflitos de interesses.

Vale considerar, ainda, que para além da formação acadêmica e suas especificidades, os profissionais de saúde que lidam diretamente com os pacientes são pessoas que também sucumbem às imposições de uma estética lipofóbica.

## **Eu não te reconheço mais**

A distância entre o casal fica cada vez mais evidente. A cena em que eles comemoram o aniversário de casamento (cena 00:56:57) demonstra isso. Carmem o presenteia com uma camisa que serviria aos padrões antigos, com uma numeração extremamente grande, mas Alfredo, sem se importar, afirma que irá trocar. Ele pede então que Carmem feche os olhos e traz à

mesa seu presente. Ao abrir os olhos, ela não acredita no que vê. Chocada, observa Alfredo feliz em lhe dar um aparelho de ginástica, descrevendo os benefícios de utilizá-lo, sem saber que Carmem mentia, que não fazia dieta e não frequentava mais as aulas de ioga.

Há o desconforto pelo emagrecimento de Alfredo, suas novas roupas, agora muito mais magro e com novos hábito/discurso alimentares, e Carmem afirma que não o reconhece mais. A relação chega ao fim quando Carmem sabe que Alfredo saiu com uma colega de trabalho. Eles se separam e ela volta para a casa dos pais. Alfredo segue a vida com muita saudade de Carmem, mesmo estando com outra mulher, mantém seu trabalho na mesma empresa, e se torna a referência de sucesso no grupo *Los Especialistas*, pois emagreceu 46 kg.

O reconhecimento de si, mais do que o do outro, é que impulsiona e mobiliza para realização de desejos e projetos de vida. No percurso de Carmem, inicialmente ela também não se reconhecia. Aos poucos, mesmo que de forma conflituosa, segue seu desejo. Encontra na culinária um lugar onde não há necessidade de ser outra a não ser ela mesma. E é naquele curso, onde havia espaço de troca, de prazer, agradável e feliz, que ela se inscreveu em um concurso da melhor preparação culinária de peixe oferecido por um canal de televisão.

Já separada e morando na casa dos pais, e muito deprimida pela separação, Carmem é informada de que, dentre tantos inscritos, havia sido selecionada para disputar o final do concurso com outros quatro candidatos. Carmem chega ao canal de televisão atrasada e nervosa. Para sua surpresa, vence o concurso (cena 01:30:00). Realizada e com muitos convites de trabalho, decide procurar seu grande amor.

## **Onde está o Paraíso? Ele pode ser alcançado?**

Muitas histórias se parecem com a de Carmem, em que o corpo fora dos padrões decretados pelo mercado e pela mídia estigmatiza e exclui o indivíduo. É essa marca que os desqualifica, denigre e isola, fazendo com que o próprio indivíduo não acredite em si, como a expressão de espanto da nossa protagonista, ao ganhar o concurso de culinária. Carmem, ao estabelecer uma luta diária entre seus desejos e as imposições sociais de magreza e beleza, vai aos poucos construindo espaços onde se sente incluída e realizada. Ainda que a narrativa do filme vincule sua realização com a sensação de pertencimento a um programa de culinária – o que indica certo estereótipo do obeso – o filme nos apresenta com singela delicadeza como é possível enfrentar e confrontar esses padrões sociais.

O peso corporal acima do padrão recomendado pelas instituições de saúde não está relacionado somente a um possível estado de doença, mas sobremaneira a aspectos de consumo de bens, serviços e da influência do

biopoder sobre os corpos. Evidentemente, não se trata de negar o aumento expressivo, nas últimas décadas, de casos de obesidade relatados pelos estudos epidemiológicos e amplamente divulgados por instituições nacionais e internacionais, que demonstram a relação da obesidade com enfermidades como diabetes, hipertensão, doenças cardiovasculares, entre outras. É o surgimento de uma sociedade lipofóbica, na qual a inadequação, a exclusão, o preconceito e o estigma prevalecem, sendo necessário refletir e discutir as diversas dimensões deste assunto, sobretudo na formação dos profissionais de saúde. Nesse sentido, vale a pena ressaltar a pergunta colocada por Seixas e Lucena (2016), a partir da análise de uma matéria intitulada “A dieta do pensamento”:

O condicionamento cerebral para seguir um programa alimentar e de exercícios físicos, os corpos docilizados pela administração regular de felicidade sintetizada e o excesso controlado pela ordem na qual não há espaço para o conflito ou a dúvida seriam o avesso do que a obesidade nos apresenta. Frente ao horror lipofóbico, soluções são criadas a torto e a direito para acalantar o sonho da beleza esbelta. E o sujeito? Onde fica? (SEIXAS; LUCENA, 2016, p. 281).

Carregada de significados e valores, a obesidade está imersa em discussões conceituais, técnicas, culturais e éticas que necessitam ser ampliadas, a fim de compreender seus diversos matizes e sob seus diferentes aspectos. Além disso, não podemos perder de vista que a obesidade e sua propalada epidemia atingem pessoas cujas vidas são alteradas, moldadas, julgadas e condenadas sem que lhes reste espaço para o questionamento e a resistência. Não é possível resistir sempre às tentações dos alimentos de Satã.

De uma forma geral, na formação do profissional de saúde, e principalmente do nutricionista, prevalecem diversas diretrizes e estratégias biomédicas, geralmente pautadas na racionalidade científica, que desconsideram as diversas dimensões que envolvem a vida de uma pessoa. Associado a isto, Campos e colaboradores sinalizam que:

O enfrentamento dessa questão impõe a adoção de uma visão transdisciplinar para o problema e as alternativas para seu manejo não podem ser pensadas somente pela responsabilização do cidadão e pelo controle individual da alimentação através de dietas. A obesidade, encarada como problema de saúde coletiva, situa-se muito além dos limites do campo das Ciências da Saúde ou do saber técnico da Nutrição, apresentando-se como um grave problema político, ideológico e econômico. Assim, os profissionais de saúde têm um papel fundamental nessa discussão, em particular, no que concerne a possibilidade de compreensão deste fenômeno, ultrapassando o pensar biomédico (CAMPOS et al., 2015, p. 91).



O filme faz um contraponto importante para reflexão. Por um lado, as normas dietéticas, o controle do corpo, o sacrifício da dieta, a privação do prazer da comida e a obrigação de se submeter ao olhar de outro ou aos padrões científicos reforçados pela mídia ou pelos profissionais de saúde. A aceitação do sacrifício da dieta (e do controle dos prazeres à mesa) aparece como característica marcante do imaginário do senso comum acerca da atuação dos profissionais da Nutrição. Por outro, o imaginário acerca dos profissionais da gastronomia (que também possui uma forte mão do mercado) reforça a lógica hedonista dos prazeres, dos encontros gustativos e afetivos, da experimentação e da necessidade de provar sabores, lugares e sensações novas. Para o senso comum, a comida deixa de ser o lugar do sacrifício, do comedimento, e vira o lugar da criatividade; o corpo não está preso às regras rígidas, os prazeres são permitidos – o sacrifício é não comer.

Cabe ressaltar que os dois campos possuem características positivas e estereótipos negativos; ambos cometem seus excessos, são influenciados pelos interesses do mercado e devem ser pensados à luz dos valores fundamentais da vida humana, tais como liberdade, felicidade e autocuidado. Os cuidados de si devem levar em consideração as duas dimensões da realidade, o controle da dieta e os prazeres da mesa.

Mas por que mesmo o filme teria esse título? O paraíso pode ser alcançado?

Quando falamos de Paraíso, nossa imaginação alcança lugares vibrantes, como praia, sol, natureza, pessoas bonitas, saudáveis, livres, felizes. Sim, felizes e livres, sem *winner*s nem *loser*s. A felicidade neste caso parece estar relacionada à realização do desejo, independentemente de ser aceito ou se irá agradar o olhar do outro. Encontrar esse lugar demanda uma atitude corajosa de romper com a imposição de padrões sociais de comportamento e imagem para encontrar uma identidade para si.

Carmem encontra o paraíso na realização pessoal e, agora inteira e com a plenitude de quem se pertence, no reencontro com seu grande amor. O paraíso para ela é a conciliação do desejo, com o que ela considera uma vida normal, com algum reconhecimento social, valorização profissional e a reconciliação afetiva. Afinal, conciliar o desejo, a autoimagem, a vida profissional e amorosa não é uma tarefa simples, e quem consegue conciliar essas dimensões conhece “o paraíso”. E você? Onde está o seu Paraíso?

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

CAMPOS, S. S. et al. Num relance de olhar... a estigmatização das pessoas gordas: do passado aos dias de hoje. *Revista do HUPE*, v. 14, n. 3, jul/set. de 2015.

CASTIEL, L. D.; FERREIRA, M. S.; MORAES, D. R. Os riscos e a promoção do autocontrole na saúde alimentar: moralismo, biopolítica e crítica parresiasista. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 5, p. 1523-1532, 2014.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCISCO, L. V.; DIEZ-GARCIA, R. W. Abordagem terapêutica da obesidade: entre conceitos e preconceitos. *Demetra*. Rio de Janeiro v. 10, n. 3, p. 705-716, 2015.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

KLOTZ-SILVA, J.; PRADO, S. D.; SEIXAS, C. M. Comportamento alimentar no campo da Alimentação e Nutrição: do que estamos falando? *Physis. Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 26, n. 4, p. 1103-1123, 2016.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. *O corpo e seus senhores*. Homem, mercado e ciência: sujeitos em disputa pela posse do corpo e da mente humana. Rio de Janeiro: Casa Editorial Vieira & Lent, 2009.

MAGALHÃES, B. R. *Para além da forma: impactos das práticas dos Vigilantes do Peso no corpo e na autoimagem dos obesos*, Marília, SP. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília-SP, 2008. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/88792/magalhaes\\_br\\_me\\_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/88792/magalhaes_br_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em: 15 jun. 2017.

MATTOS, R. S.; LUZ, M. T. Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre a obesidade. *Physis. Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 489-507, 2009.

METZ, C. *A significação no cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

*PARAÍSO CUANTO PESA*. Direção: Mariana Chenillo. Produção: Gael Garcia Bernal, Júlian Levin, Diego Luna. Roteiro: Mariana Chenillo. Música: Dario Gonzalez Valderrama. México: Imovision, 2013. 1 bobina cinematográfica (105 min), Color. son. color. 35mm. Disponível em: <<http://enfilme.com/en-cartelera/paraiso>>. Acesso em: \_\_\_\_\_

SCHRAMM, F. R. A bioética e a moralidade da genômica. In: \_\_\_\_\_. *Três Ensaios de Bioética*. Rio de Janeiro: . Fiocruz, 2015. p. 67-118.

SEIXAS, C. M.; LUCENA, B. B. V. O mundo não é um spa: sobre a ética do desejo na clínica da obesidade. In: PRADO, S. D.; AMPARO-SANTOS, L.; SILVA, L. F.; ARNAIZ, M. G.; BOSI, M. L. *Estudos socioculturais em alimentação e saúde: saberes em rede*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016. p. 279-296. (Série Sabor Metrópole, v. 5.).

SEIXAS, C. M.; KRAEMER, F. B. Paradoxos no tratamento da obesidade: subjetividade e cuidado alimentar e nutricional. In: PRADO, S. D.; KRAEMER, F. B.; SEIXAS, C. M.; FREITAS, R. F. *Alimentação e Consumo de Tecnologias*. Curitiba: . Editora CRV, 2015, p. 33-50 (Série Sabor Metrópole, v. 4).

SOARES, R. L. De palavras e imagens: estigmas sociais em discursos audiovisuais. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. E-compós*, Brasília, v. 12, n. 1, jan./abr. 2009.

